

**HUGO CHÁVEZ ATRAVÉS DA REVISTA VEJA.
A CONSTRUÇÃO DE UM VILÃO**

**Cristiane Marques de Lima
Marconi Torres Junior**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o uso da imprensa como modo de divulgação da ideologia das classes dominantes. Tomando como referência as revistas VEJA, número 1747 de 17 de abril de 2002, a de número 1903 de 04 de maio de 2005 e a de número 1954 de 13 de maio de 2006¹, que tratam do assunto Hugo Chávez. Analisamos principalmente o artigo intitulado O CLONE DO TOTALITARISMO assinado pelo jornalista Diego Schelp com reportagem de Ruth Costa e José Eduardo Barella por acharmos que esse artigo exemplifica como a imprensa brasileira de direita, filtra a notícia para atender aos grandes interesses econômicos privados, além dos interesses de quem compra a revista Veja, ou seja, a classe média conservadora.

Palabras-chave: América Latina, História da Venezuela, Hugo Chávez.

INTRODUÇÃO

A mídia brasileira é formada em grande parte por empresas e corporações, controladas por grupos poderosos. Seus interesses estão voltados para o mercado e o lucro, logo essa mídia tem ligações sólidas com os interesses de outras grandes corporações como bancos e governos. Para defender seus interesses, toda uma ideologia vai ser desenvolvida e propagada, principalmente através do domínio dos meios de comunicação em massa que tem essa classe dominante. Essa ideologia tenta manipular a população contra um inimigo comum, no caso, todo e qualquer movimento que defenda uma política que ameacem os interesses de proprietários.

Pela ótica da VEJA, Hugo Chávez se enquadra nesse perfil de político perigoso, devendo ser repudiado. Entendemos também que a forma como tem sido tratado o fenômeno político HUGO CHÁVEZ pela revista Veja é exemplar da forma como inescrupulosamente a informação é manipulada para atender aos interesses acima citados, já que esta revista representa uma tendência dominante de se fazer jornalismo

nos principais meios de imprensa do Brasil. Atualmente a revista Veja é a mais vendida no país com uma tiragem semanal acima de um milhão de exemplares.

O HOMEM POLÍTICO, HUGO CHÁVEZ

Com o objetivo de desmerecer alguns dados da reportagem de VEJA intitulada O CLONE DO TOTALITARISMO, que tenta fazer com que acreditemos que a carreira política de Hugo Chávez não passe de uma imitação mal sucedida da carreira política de Fidel Castro, apesar do absurdo que isso possa parecer, fizemos um resumo dos principais fatos que marcaram a vida política do presidente da Venezuela desde 1992 até aproximadamente 2005, dados retirados dos livros A SOMBRA DO LIBERTADORⁱⁱ - Hugo Chávez Frías e a Transformação da Venezuela, de Richard Got, do livro UM HOMEM, UM POVOⁱⁱⁱ, da autora Marta Harnecker e do artigo QUATRO DÉCADAS DE LUTA REVOLUCIONÁRIA^{iv} de Alejandro Itunbe e Américo Gomes.

No dia 04 de Fevereiro de 1992 Chávez protagonizou um golpe de estado contra o presidente Carlos Andrés Pérez. O golpe surgia num período de crise econômica, marcado pela inflação e desemprego, onde alguns militares liderados por Chavez argumentavam, dentre outras questões, que o governo de Andrés Pérez era corrupto.

Chávez foi detido e passou dois anos na cadeia. Foi libertado após o afastamento de Pérez acusado de corrupção, graças a uma anistia do novo presidente Rafael Caldera. Nas eleições para a presidência da República celebradas a 06 de Dezembro de 1998 Chávez consagrou-se vencedor com 56% dos votos, num clima político marcado pelo descrédito em relação aos dois grandes partidos venezuelanos que tinham governado o país nos últimos quarenta anos, o democrata-cristão COPEI e o partido de centro esquerda Acción Democrática. Logo que tomou posse, em Fevereiro de 1999, dissolveu o Congresso e convocou uma Assembléia Nacional Constituinte cujo objetivo era dotar o país de uma nova Constituição. Nas eleições para a Assembléia Constituinte celebradas em Julho de 1999 os apoiantes de Chávez conquistaram 120 dos 131 lugares.

A nova constituição, aprovada por referendo em Dezembro do mesmo ano, alterou o nome do país (a partir de agora seria conhecido como *República Bolivariana da Venezuela*), atribuiu mais poderes ao presidente, permitiu uma maior intervenção do Estado na economia, eliminou o Senado e reconheceu os direitos culturais e lingüísticos

da comunidades indígenas. Chávez toma posse a 22 de Agosto. Em novembro de 2000 a Assembléia Nacional tinha aprovado a denominada *Ley Habilitante*, através da qual o presidente poderia governar por decreto durante o período de um ano, sem necessitar da Assembléia Nacional para aprovar leis. Entre esse mês e Novembro do ano seguinte, Chávez promulgou um total de 49 decretos. Entre estes encontravam-se a Lei de Hidrocarbonetos, que fixava a participação do Estado no sector petrolífero em 51%, e a Lei de Terras e Desenvolvimento Agrário, prevendo a expropriação de terras latifundiárias. As novas leis entraram em choque com os interesses, principalmente dos sectores empresariais, que acusavam o presidente de querer tornar a Venezuela um país comunista. No final de Fevereiro de 2002 Chávez demitiu os gestores da companhia estatal Petróleos da Venezuela (PDVSA) que eram membros da elite econômica do país e os substituiu por funcionários públicos, o que gerou profundas críticas.

O descontentamento com a liderança de Chávez começa a atingir alguns sectores do alto escalão do exército. Face aos acontecimentos, a Confederação de Trabalhadores (CTV) decidiu convocar uma greve em solidariedade com os gestores e outros trabalhadores afastados da PDVSA. A greve foi convocada para o dia 09 de Abril de 2002 e deveria ter a duração de dois dias, mas acabou por se prolongar. No dia 11 de Abril um grupo de manifestantes marcha até ao Palácio de Miraflores (o palácio presidencial), para pedir a demissão de Chávez, onde se encontrava uma contra-manifestação de apoio ao presidente. Quinze pessoas acabariam mortas através de atiradores de elite posicionados em prédios em volta das ruas onde aconteciam as manifestações. Esse fato foi manipulado pelas redes de televisão e o presidente Chávez foi acusado das mortes, tudo arrumado meses antes pela coligação opositora formada principalmente por membros da classe alta, militares de alta patente, e pelo apoio do governo dos Estados Unidos.

No dia 12 de Abril o presidente Chávez é deposto através de um golpe, o general Lucas Rincón, chefe das Forças Armadas, anunciou que Chávez tinha se demitido, tendo o presidente da *Fedecámaras*, Pedro Carmona, assumido a presidência da República. Os eventos geraram levantamentos populares nas ruas de Caracas protagonizados por apoiantes do regime deposto. Soldados leais a Chávez, reagindo ao acontecimentos, organizam um contra golpe de Estado, tomam o Palácio de Miraflores. Nas horas seguintes Chávez foi libertado da prisão na ilha de La Orchila e regressa a Caracas para retomar a chefia do estado. O governo de Chávez alegou meses depois que

os Estados Unidos apoiaram o golpe de estado, afirmando que nos dias do golpe os radares do país detectaram a presença de navios e aviões militares americanos em território venezuelano, o que foi confirmado posteriormente pelos órgãos de imprensa estadunidenses New York Times e pela revista Time.

Em Outubro de 2002 a *Coordinadora Democrática* (uma coligação de partidos de direita) organizou no final de Novembro de 2003 uma recolha de assinaturas cujo propósito era convocar uma consulta popular na qual os venezuelanos se pronunciarão sobre a permanência ou não de Hugo Chávez no poder. O referendo teve lugar no dia 24 de Agosto de 2004; 58,25% dos votantes apoiou a permanência de Chávez na presidência até ao fim do mandato, que ocorreria nos próximos dois anos e meio. A oposição alegou que tinha sido cometida fraude, mas os observadores internacionais presentes durante o processo (entre os quais se encontravam o antigo primeiro-ministro português António Guterres e Jimmy Carter) consideraram que o referendo ocorreu dentro da normalidade e legalidade. Em 2005 o governo de Chávez apoiou a criação da TeleSUR, uma estação de televisão sediada na Venezuela que emite programas informativos para toda a América Latina e que se assume como alternativa às grandes cadeias como a CNN. Para seus defensores, representa uma pequena janela de informação independente, em meio à mídia latino-americana, altamente concentrada e oligarquizada na mão de grupos como o Rede Globo (Brasil), Televisa (México) e Cisneros (Venezuela). Já para os seus opositores, o canal não passa de um instrumento de propaganda do regime chavista.

HUGO CHÁVEZ ATRAVÉS DA REVISTA VEJA

Na capa da revista VEJA número 1747 de 17 de abril de 2002, fechada na noite de 12 de abril, 20 horas depois do golpe que depôs o presidente eleito Hugo Chávez, desencariado pela oposição, composta por membros do empresariado venezuelano, em aliança com o alto comando das forças armadas, setores da burocracia petroleira e os EUA, figura o seguinte título: A QUEDA DO PRESIDENTE FANFARRÃO. Na página 45 a revista diz:

Chávez se considera um Robin Hood bolivariano. Era mais um bufão que entretinha o povo com programas de televisão em que se portava mais como animador de auditório do que como um presidente. Sua queda foi recebida como boa notícia no mundo:

melhorou o índice risco-país da Venezuela, a bolsa de Caracas disparou (alta de 8%) e o preço do petróleo caiu 9%.

Quando chegou nas bancas, a edição já estava velha, Chávez havia retornado ao poder através da mobilização de milhares de venezuelanos nas ruas e de uma participação de uma divisão do exército que abortaram o golpe. VEJA não pediu desculpa aos leitores na semana seguinte. O impressionante é que foram tratados seus consumidores, é o desrespeito aos fatos políticos como fenômeno complexo, tratar um presidente eleito com palavras desse tipo (fanfarrão, bufão, animador de auditório) demonstra um descaso para com o povo venezuelano, que o elegeu, além de subestimar os próprios leitores da revista, já que discute um assunto de tal complexidade com expressões sem nenhum significado concreto, com o objetivo apenas de denegrir o homem Hugo Chávez.

Na VEJA da edição número 1903, de 04 de maio de 2005, Chávez aparece na capa carrancudo, de boina vermelha, camisa vermelha sob um fundo vermelho que ressalta o aspecto de “cara-de-mau”. Vem com seguinte título QUEM PRECISA DE UM NOVO FIDEL? Com milícias, censura, intervenção em países vizinhos e briga com os EUA, Hugo Chávez está fazendo da Venezuela uma nova Cuba. Logo em seguida nas páginas amarelas tem-se uma entrevista com a secretária de estado estadunidense Condoleezza Rice, quando de sua visita ao Brasil. Sua foto, num fundo azul muito claro, sorridente, segurando duas bolas de vôlei em tons azul, amarelo, branco e dourado reforçados com sua vestimenta amarelo claro, e uma bandeira do Brasil parece dizer a que veio, nem precisava do reforço do título da reportagem, que afirma:

OPERAÇÃO SIMPATIA. Defensora da guerra, a secretária de estado agora prega a democracia e a justiça social – e diz que Bush é um homem muito solidário. As duas primeiras perguntas da entrevista feita por Vilma Gryzinski são sobre Chávez. Segue-se:

VEJA – O presidente Hugo Chávez disse que há americanos preparando uma invasão da Venezuela. Verdade ou mentira?

RICE – Isso é simplesmente um escândalo. É claro que os Estados Unidos não vão invadir a Venezuela ou fazer qualquer coisa do gênero. Os EUA querem ter boas relações com a

Venezuela. Existem preocupações relativas à democracia na Venezuela e à maneira como e ela se relaciona com os vizinhos. Mas nós não vamos invadir a Venezuela.

VEJA – Qual é a melhor atitude a tomar quando se lida com um personagem como Chávez, que está sentado sobre um mar de petróleo, tem o apoio de 60% da população e pode usar as pressões americanas em seu favor?

RICE – A única coisa que faz sentido é ter uma pauta positiva. É sobre isso que vim conversar aqui. Falamos sobre a Venezuela, é certo, mas foi uma parte relativamente pequena das discussões. Falamos também sobre o hemisfério, que fez progressos notáveis em termos de desenvolvimento democrático na última década....

Em se tratando de fotos, nas páginas 156 e 157 encontram-se quatro fotos de Chávez com o que a revista denominou de “seus amigos”, o líder do MST, João Pedro Stedille, o ex-presidente do Iraque, Saddam Hussein, o ditador Muamar Kadafi e o iraniano Khatami. Esqueceram de colocar as fotos de Chávez com Bill Clinton ou com o papa João Paulo II. Numa clara definição de posição ideológica quando elege seus inimigos e os enquadra num só contexto, ou seja, de pessoas que são contra o modelo vigente de dominação das classes capitalistas em todo o mundo, o neoliberalismo, ou quando são inimigos da política imperialista dos EUA. Quando entrevista, a revista seleciona os que fazem coro aos seus ideais, são quatro os entrevistados, todos desfavoráveis e nenhum favorável ao governante Chávez. Citando Chomsky: “dissidentes, informantes e outros tipos de oportunistas avançam para o centro do palco como especialistas e ali permanecem mesmo após serem expostos como altamente não confiáveis, quando não mentirosos deslavados”. Gilberto Maringoni (2005) em artigo que analisa a matéria da *Veja* afirma que o historiador Manuel Caballero anunciado pela *Veja* como “o mais respeitado do país”, só é “respeitado na Venezuela pelos monopólios privados da mídia e pelas elites econômicas. Tornou-se um destemperado e folclórico opositor de Chávez, a que volta e meia a imprensa estrangeira recorre em busca de frases bombásticas.”

Estes trechos da revista podem demonstrar como a ideologia anti-esquerda está impregnada nessa reportagem, reforçando o que pensamos sobre como a revista se utiliza do fenômeno político Hugo Chávez para mobilizar opiniões contra o inimigo comum, ou seja, todos que ameacem a hegemonia da revista VEJA:

Presidentes de esquerda estão no poder no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai. No próximo ano, eleições poderão acrescentar à lista o Peru e o México. É um grupo heterogêneo quanto a métodos e personalidades, mas nenhum dos mandatários que o formam oferece riscos para seus povos e os vizinhos. Curiosamente, o único presidente de países americanos que é uma bomba de efeito retardado, o coronel pára-queda Hugo Chávez, da Venezuela, não pode ser classificado como esquerdista. (página 154).

Chávez está semeando insurreição e instabilidade em países que, embora nominalmente democráticos, ainda lutam para solidificar suas instituições políticas e jurídicas e suas bases de progresso material. (p. 154).

Nos últimos seis anos, desde que foi eleito, Chávez usou o cargo para iniciar uma versão extemporânea do regime totalitário que existe em Cuba. (p. 154.)

Hugo Chávez adotou um virulento discurso antiamericano, que soa como música aos ouvidos dos nostálgicos da Guerra Fria - e eles são numerosos entre a esquerda latino-americana. Uma esquerda que sempre se caracterizou por seguir caudilhos nacionalistas, bastando que eles tivessem um discurso antiamericano. (p. 156).

Até na contextualização histórica a revista manipula os fatos, seja quando chama várias vezes, o presidente venezuelano de coronel, seja quando recomenda que se leia sobre o pacto fijo e o faz para contrapor o governo de Chávez, ou seja, para exemplificar esse momento da história da Venezuela como representativo de uma política correta e democrática. Sobre esse pacto Chomsky comenta que de 1949 a 1958, durante a ditadura do bandido homicida Pérez Jiménez, as "relações dos Estados Unidos com a Venezuela eram harmoniosas e vantajosas economicamente para os negócios americanos"; a tortura, o terror e a repressão geral passaram despercebidas com os rotineiros pretextos da Guerra Fria. Em 1954 o ditador recebeu a Legião do Mérito das mãos do presidente Eisenhower.

A declaração formal das virtudes de Pérez Giménez assinalava que "a sua política geral nas questões econômicas e financeiras facilitou a expansão do investimento estrangeiro, e assim a sua administração contribuiu para um maior bem estar da população e para o rápido desenvolvimento das imensas riquezas naturais do país" - e, casualmente, proporcionou enormes lucros para as grandes companhias americanas que dirigem a Venezuela, inclusive, na época, companhias siderúrgicas e outras. Cerca de metade dos lucros da Standard Oil de New Jersey vinham da sua

subsidiária venezuelana, para citar apenas um exemplo. Esse autor segue afirmando: Desde a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos seguiram na Venezuela a clássica política de assumir o controle total das forças armadas "para expandir a influência política e militar americana no hemisfério ocidental e eventualmente ajudar a conservar o vigor da indústria bélica dos Estados Unidos" (Rabe). Como mais tarde explicou Allan Stewart, embaixador de Kennedy, "exércitos anticomunistas orientados pelos Estados Unidos são um instrumento vital para manter os nossos interesses de segurança". "Ele ilustrou a questão com o caso de Cuba", onde as "forças armadas se desintegraram" enquanto em outros países elas se mantiveram intactas e capazes de defenderem a si mesmas e a outros do comunismo, como demonstrou a onda de Estados de Segurança Nacionais que varreu todo o hemisfério.

O governo Kennedy aumentou a sua ajuda às forças de segurança venezuelanas para "operações internas de segurança e rebeliões contra a esquerda", comenta Rabe, e também mandou pessoal para assessorar nas operações de combate, como no Vietnam. Stewart recomendou ao governo que "dramatizasse" a prisão dos radicais, para causar uma boa impressão em Washington assim como entre os venezuelanos (isto é, os que importam).

Para reforçar nossa opinião sobre a parcialidade de VEJA e demonstrar seu desrespeito para com quem não se alinha, segue uma tabela com expressões que definem o governo de Chávez como uma ditadura, além de outras que o difamam:

Termos utilizados pela matéria da *Veja*.

Palavra/termo	Números	Observações
Centralizador	01	Usada para definir o governo venezuelano.
Totalitarismo	02	Idem.
Regime	02	Para definir tanto o regime de Cuba, quanto ao da

autoritário		Venezuela.
Ditadura	02	Usada para referir-se ao regime de Fidel Castro.
Fidel Castro	13	É usado como a referência principal de Hugo Chávez, que seria o clone do ditador cubano. "Um fóssil da Guerra Fria", "capataz magnânimo", "o decano dos ditadores".
Populista (s)	01	Não conceitua o termo
Autoritário	01	Referindo-se ao governo de Hugo Chávez.
Pai da pobreza	01	A figura do político.
Fanfarrão	01	Para referir-se a Hugo Chávez.
Ditadura socialista	01	Idem.
Esquerda	07	Usada para conceituar uma parcela da população.
Esquerdista(s)	04	Usada para referir tanto a líderes da América latina, quanto a todos militantes anti-americanos.
Caudilhismo	01	"a doença senil do esquerdismo". Chávez é apresentado como um membro da categoria "caudilho iluminado".

Patético	01	Sobre a tentativa de tabelamento dos juros no máximo 28% ao ano.
Coronel	04	Num anacronismo histórico e geográfico gritante.

Observa-se que todas as palavras empregadas para situar a Venezuela atual ou o seu presidente são termos antagônicos ao conceito vigente de democracia. Desclassificando seu governo do ponto de vista da representatividade junto ao seu povo. O último parágrafo arremata o teor ideológico da reportagem de forma primorosa, diz:

Não é surpresa que Chávez fascine tantos esquerdistas, que o vêem como uma novidade saudável na política latino-americana. Fazer avaliações desastrosas e seguir qualquer um que antagonize os Estados Unidos está no DNA dos militantes de esquerda. No passado, a esquerda também seguiu alegremente outros pais da pátria, como Juan Domingo Perón, cuja promessa era resolver todos os problemas da nação com um estalar de dedos e, claro, colocando culpa de tudo nos Estados Unidos. Chávez foi recebido com furiosa alegria no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. É um espanto que tanta gente o festeje e não o Chile, o único país latino-americano a diminuir a pobreza pela metade. É a maldição do caudilhismo, a doença senil do esquerdismo. (p. 162)

Ou seja, uma reportagem tendenciosa, preconceituosa, ligada aos interesses dos políticos e econômicos da classe que essa revista representa. Quando julga e condena os que não estão alinhados aos seus interesses, VEJA não faz jornalismo sério, manipula ideologicamente a população e se torna um caso exemplar daquilo que pretendemos comprovar nesse artigo como propaganda ideológica disfarçada de notícia.

CONCLUSÃO

Fica evidente no teor e na forma como são mostrados os textos na revista VEJA tida como de direita. A manipulação da informação com a intenção de formar uma

opinião sobre o fenômeno político Hugo Chávez. No caso da revista Veja nos impressionou a pouca qualidade técnica do texto, num teor de fofoca quase casual, com um padrão de jornalismo baixíssimo, pautado em frases de efeito e sem conteúdo, muitas vezes com uma roupagem de coisa séria como, por exemplo:

“Chávez é um Fidel sem cérebro e com petróleo”, definiu a VEJA Andrés Oppenheimer, colunista do jornal americano Miami Herald e respeitado especialista em América Latina. Usa-se o slogan de uma especialista para não se afirmar nada que merecesse respeito, só ofende de forma vazia e, porque não dizer, patética.

NOTAS

ⁱ Revista Veja, números: 1747 de 17 de abril de 2002; 1903 de 04 de maio de 2005; 1954 de 13 de maio de 2006.

ⁱⁱ GOT, Richard. *À sombra do libertador. Hugo Chávez Frías e a transformação da Venezuela*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ⁱⁱⁱ HARNECKER, Marta. *Um Homem, um povo*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

^{iv} ITURBE, Alejandro & GOMES, Américo. Quatro décadas de luta revolucionária. In: *Marxismo Vivo*. Revista de Teoria e Política Internacional. Número 10, 2004.